

<b>OBRA ANALISADA</b>	Manuelzão e Miguilim
<b>GÊNERO</b>	Prosa - novela Guimarães, nas primeiras edições do livro, ainda com o nome <i>Corpo de Baile</i> (1956, 2 volumes) na página introdutória apresenta a indicação de "Sete Novelas", sob o título principal: no índice do primeiro volume, a obra vem definida como "poema"; <b>no índice remissivo final, o autor atribuiu-lhe a designação de "romance"</b> . Parece-nos que, propositadamente, quis evitar rotulações limitadoras a sua obra, preferindo que <i>Campo Geral</i> abrisse horizontes novos, perspectivas amplas e mais universalizantes, fugindo às classificações tradicionais. Entendeu?
<b>AUTOR</b>	Guimarães Rosa.
<b>DADOS BIOGRÁFICOS</b>	Nome completo: João Guimarães Rosa Nascimento: 27 de junho de 1908, Cordisburgo, que quer dizer o "burgo do coração, em Minas Gerais. Morte: 19 de novembro de 1967, no Rio de Janeiro.
<b>BIBLIOGRAFIA</b>	- <i>Magma</i> (1936), poemas. Não publicados  - <i>Sagarana</i> (1946), contos e novelas regionalistas. Livro de estréia.  - <i>Com o vaqueiro Mariano</i> (1947)  - <b><i>Corpo de Baile</i> (1956)</b> , novelas. Atualmente publicado em três partes: <b><i>Manuelzão e Miguilim</i></b> , - <i>No Urubuquaquá, no Pinhém e</i> - <i>Noites do sertão</i> .  - <i>Grande Sertão: Veredas</i> (1956), romance.  - <i>Primeiras estórias</i> (1962), contos.  - <i>Tutaméia: Terceiras estórias</i> (1967), contos.  - <i>Estas estórias</i> (1969), contos. Obra póstuma.  - <i>Ave, palavra</i> (1970) diversos. Obra póstuma.  <b>EM JORNAIS E REVISTAS</b>  - Colaborou no suplemento " <i>Letras e Artes</i> " de <i>A Manhã</i> (1953-54), em <i>O Globo</i> (1961) e na revista <i>Pulso</i> (1965-66), divulgando contos e poemas.
<b>RESENHA</b>	A obra contém duas histórias densas e independentes que tratam de cada uma das pontas da vida: a infância e a velhice: " <i>Campo Geral</i> " (relato lírico da infância do menino Miguilim) e " <i>Uma Estória de Amor</i> " ( <i>Festa de Manuelzão</i> ). O protagonista Manuelzão (Manuel Nardi - nascido

em Dom Silvério, na Zona da Mata, Minas Gerais, a 6 de junho de 1904 – falecido em Andrequicé, distrito de Três Marias, a 5 de maio de 1977), órfão de pai e cozinheiro de tropa... ficou conhecendo o escritor quando era capataz das boiadas do fazendeiro Chico Moreira, primo de Rosa, e serviu-lhe como guia pelo sertão adentro, para que o escritor anotasse as histórias. A obra, fruto desse encontro, é *Corpo de Baile*, dividida em três partes: *Noites do Sertão*, *Manuelzão e Miguilim* e *No Urubuguaguá*, no Pinhém. Um certo Miguilim - menino de oito anos - morava longe, no Mutum, um remoto lugarejo das Gerais, dos Campos Gerais, região chuvosa, com sua família: o pai Nhô Bero (Nhô Bernardo Caz), a mãe Nhanina (que não gostava do lugar) e os irmãos Drelina (Maria Andreлина), Chica (Maria Francisca), Dito (Expedito, seu predileto) e Tomezinho (Tomé). O irmão mais velho, Liovaldo, há tempos morava com o tio Osmundo Cessim, irmão de Nhanina, em Vila Risonha de São Romão. Vivía com eles um irmão do pai, tio Terez, uma tia-avó materna, vovó Izidra e alguns "agregados": Rosa (a cozinheira), Maria Pretinha (auxiliar) e Mãitina (negra velhíssima, beberrona, acusada de prática de feitiçarias). Nos arredores viviam dois vaqueiros, Jé e Saluz (com a mulher Siarlinda e o filho Bustica).

Um dia... chovia no Mutum. Vaqueiro Saluz chega com Luisaltino. Junto com Luisaltino viera o papagaio Papaco-o-Paco: cantava cantigas folclóricas e apegou-se à cozinheira Rosa, que lhe dava comida e ensinava novos cantos e falas.

Há ainda: Seo Deogracias (pai de Patori, curandeiro da região) e Seo Aristeu, vaqueiro que conhece as rezas e simpatias...

Miguilim gostaria de permanecer sempre menino por isso... coloca em xeque o mundo dos adultos, denunciando o sofrimento por que passa o Homem ao renunciar a seu mundo inocente de criança.

Ligado a Dito - irmão predileto e grande amigo - e à cadelinha Cuca... Miguilim, menino cismado com a tristeza da mãe por viver num lugar chamado Mutum, sítio que ele descobre poder ser um belo lugar.

Manuelzão prepara uma festa para a consagração. Com mais de sessenta anos... a personagem principal, de cima de seu cavalo, contempla a expectativa do povo nos preparativos da festa e vai reconstituindo seu passado. Registra os preparativos, a chegada dos sertanejos das mais diferentes regiões, a chegada do padre e a própria festa. Toda a história é narrada às vésperas da partida de uma boiada, instrumento de trabalho e da vida do protagonista e que serve de ligação entre o presente e a tessitura das recordações de um passado vivido com o eterno equilíbrio da graça e da desgraça. Como se descobrisse repentinamente sua velhice, Manuelzão faz o balanço fundamental para quem está na meia-idade e se lança nos riscos das novas soluções para o que seria o "começo de metade de terminar".

Realmente, descobertas da infância e da velhice, concorda?

---

**ESTILO DE ÉPOCA**

---

*Manuelzão e Miguilim* realmente transcende quaisquer rotulações. A narrativa apresenta extrema organicidade, aproximando-se da estrutura do

---

romance: existe um núcleo central narrativo, entremeado de digressões, descrições e dissertações inseridas, e aprofundamento psicológico principalmente na caracterização de Miguilim, personagem com densidade emotiva para a qual convergem as demais células dramáticas da narrativa (a insatisfação existencial da mãe, o ciúme e a brutalidade mal contida do pai, a trajetória épica e trágica de Dito...). Por outro lado, tal como ocorre nas novelas, o enredo compõe-se de uma seqüência de ações desencadeadas a partir do relacionamento da personagem principal com as pessoas com as quais convive; a narrativa interrompe-se com a sugestão da partida do menino, num caso típico de final aberto. O estilo impresso em imagens originais e de grande efeito poético, entremeado de aliterações, onomatopéias, ritmo característico, trabalho artesanal e sugestivo com a linguagem, aproximando a prosa da poesia, atribui-lhe características de "poema".

Uma estória contada é por Miguilim e seu núcleo familiar. É um **narrador onisciente em terceira pessoa**, que, se de um lado, procura manter-se como observador dos acontecimentos; por outro, aproxima-se e destaca a figura do menino, em uma postura de empatia tão marcante que, por vezes, o discurso de ambos termina por se confundir: *"Agora era o dia derradeiro. Hoje, ele devia de morrer ou não morrer. Nem ia levantar da cama. De manhã, ele já chuviscara um chorozinho, o travesseiro estava molhado. Morria, ninguém não sentia que não tinha mais o Miguilim. Morria, como arteirice de menino mau?"*

Ao **mesclar o discurso direto, o discurso indireto e o discurso indireto livre** - técnica que soma de maneira harmoniosa o subjetivo e o objetivo - seduz o leitor.

É importante destacar o **tom de fábula**, localiza a história em um espaço natural, aberto:

"longe, longe daqui", "no meio dos Campos Gerais".

Ao colocar os óculos... Miguilim pode optar por permanecer e fincar raízes num local ou partir à "procura do mar".

#### **Regionalismo e Universalismo**

A partir dos usos e costumes por ele cuidadosamente anotados - e vivenciados - do mundo sertanejo e rude dos sertões das Minas Gerais, G. Rosa consegue captar a essência do ser humano, em permanente evolução cósmica, em busca da transcendência, da dignidade, da realização, da felicidade nunca totalmente alcançada.

**Emprego de arquétipos** (modelos de seres criados pelas diferentes culturas e que passam a integrar o inconsciente coletivo)

Em Campo Geral, torna-se fácil identificar a presença de pelo menos três arquétipos: o "complexo de Peter Pan", manifesto na vontade da criança em não crescer; o de Caim e Abel, nas relações dos dois irmãos separados pelo ciúme (Nhô Bero e Tio Terez); o de Édipo, evidente na ligação de Miguilim com a mãe e no repúdio à figura do pai.

**Influência da filosofia grega: Platão, Zenão e Epicuro**

---

O neoplatonismo é evidenciado em toda a obra rosiana, onde se percebe a meta olímpica do Homem de estar sempre à procura da Verdade, da Beleza e da Bondade. Suas personagens parecem intuir que estão acorrentadas na caverna do mundo sensível, de onde procuram ascender ao mundo inteligível, onde a alma e a consciência encontrarão a felicidade completa, a realização de seu potencial, levadas pela reminiscência dessa perfeição. Assim se entende melhor a personalidade de Dito e Miguilim: " - Dito, eu às vezes tenho uma saudade de uma coisa que eu não sei o que é, nem de donde, me afrontando...". Ou "O Dito suspendia um susto na gente - que sem ser, sem saber, ele atinava com tudo." Na dúvida entre entregar ou não o bilhete de Tio Terez à mãe, Miguilim consulta o Dito: " - Dito, como é que a gente sabe certo como não deve de fazer alguma coisa, mesmo os outros não estando vendo?" " - A gente sabe, pronto." "O Dito sabia tanta estórias tiradas da cabeça dele mesmo: ..." "Fazer estórias, tudo com um viver limpo, novo, de consolo. Mesmo ele sabia, sabia: Deus mesmo era quem estava mandando". "De onde era que o Dito descobria a verdade das coisas? Ele estava quieto, pensando noutros assuntos de conversa, e de repente falava aquilo. " - De mesmo, de tudo, essa idéia consegue chegar em sua cabeça, Dito?" Ele respondia que não. Que ele já sabia, mas não sabia antes que sabia." Do estoicismo de Zenão (ou Zênon) e seus contemporâneos e seguidores aparece em Campo Geral a busca da virtude e da perfeição como caminho para alcançar a felicidade, através da introspecção - os meninos estão em exercício constante de perquirição existencial. Além disso, a força moral com que Dito enfrenta a dor física e a morte constitui-se em outra evidência clara dessa corrente filosófica que aparece várias vezes na obra de G. Rosa. Finalmente, a relativização do conceito de felicidade como resultado da moderação, do exercício de dominar a vontade e renunciar aos prazeres causadores de males e o prazer alcançado na superação da própria dor deixam transparecer as influências do epicurismo através das personagens Dito e Miguilim: "Alegre era a gente viver devagarinho, miudinho, não se importando demais com coisa nenhuma".

#### **Presença da Epifania**

Na busca de respostas para suas perplexidades diante do mundo, Miguilim descobre certas verdades da vida repentinamente, em verdadeiros momentos de "iluminação" - *como nos exemplos da surra por ter batido em Liovaldo; no da quebra dos brinquedos; na sua doença, quando vê o pai chorando e descobre que, afinal, cada um sabe amar à sua maneira. "Batia. Batia, mas Miguilim não chorava. Não chorava, porque estava com um pensamento: quando ele crescesse, matava Pai. Estava pensando de que jeito ia matar Pai, e então começou até a rir (...). Agora ele sabia, de toda certeza: Pai tinha raiva com ele, mas Pai não prestava. (...) Pai é homem jagunço de mau. Pai não presta" (p. 90).*

*"Então Miguilim saiu. Foi ao fundo da horta, onde tinha um brinquedo de rodinha-d'água - sentou o pé, rebentou. (...) Depois veio, ajuntou todos os brinquedos que tinha, todas as coisas guardadas,*

---

(...), e jogou tudo fora, no terreiro. E então foi para o paiol. (...) Agora, chorava" (p.93).

"Desde muito tempo Miguilim não senhoreava alegria tão espaçosa. Mas não era por ter ficado livre do irmão. Menos por isso, que pelo pensamento forte que formou: o de uma vez poder ir também embora de casa" (p. 94).

"E então Miguilim viu Pai, e arregalou os olhos: não podia, jeito nenhum não podia mesmo ser. Mas era. Pai não ralhava (...), Pai chorava, estramontado, demordia de morder os beijos. Miguilim sorriu (...). Pai gritava uma braveza toda, mas por amor dele, Miguilim" (p. 96).

#### **Experimentalismo lingüístico**

A característica marcante de G. Rosa constitui-se, na maneira criativa com que trabalha os recursos expressivos da linguagem. Tomando como matéria-prima a fala do sertanejo mineiro, submete-a a um cuidadoso processo de estilização, depurando-a e enriquecendo-a com recursos estilísticos eruditos, emprestados da sua convivência com as diversas línguas que dominava.

Vamos conhecer alguns desses recursos?

- **criação de neologismos** (vocábulos novos a partir de radicais já existentes).

"Ele queria, lealdoso." (p.35) (derivação)

"A cachorrada pulava, embolados" ( p. 15)(aglutinação)

"O Gigão parava ali, bebelambendo água na poça." (p. 36) (aglutinação)

"Você me ensinazinho a dançar, Chica?" (p. 45)

- **emprego de barbarismos** (abrasileiramento de termos estrangeiros).

"... o tabuleiro na cabeça empatava de Tio Terez poder dar abraço." (p. 58)

- **latinismos** (uso de vocábulos eruditos, próprios da norma culta).

"... o Magnificat era o que se rezava"(p. 19)"

- Com Deus me deito, com Deus me levanto! -

jaculava Miguilim."

- **plebeísmos** (corruptelas para fixar a linguagem popular).

"Miguilim, me dá um beijim!" "Viva Maria zela de graça, pega ne Zesú põe no saco de Mombassa..." (p. 20).

"Fumaça percura é formosura" (p. 32).

"Carecia de não chorar, rezar a Deus o cr'em-deus-padre" (p. 68).

- **citação ou criação de provérbios sertanejos.**

"... hoje é dia de são gambá: é de branco perder e preto ganhar".

"Fumaça prá lá, dinheiro prá cá..." (p. 32).

- **ênfase através da repetição de palavras.**

"Queria que tudo fosse igual ao igual, sem esparrame nenhum, nunca" (p. 39).

"Um certo Miguilim morava (...) longe, longe daqui..." (p. 5).

- **desarticulação ou desvios sintáticos e lexicais** (anacolutos, silepses etc).

"Só o caxinguelê ruivo se azogueou, de repente, (...), e já de ah subindo p'la árvore de jequitibá, de reta, só assim esquilando lá em cima, corisco, com o rabãozinho bem esticado para trás



### com texto de Guimarães Rosa

Todas as frases de João Guimarães Rosa foram retiradas do livro *Rosiana* - Uma coletânea de conceitos, máximas e brocados de João Guimarães Rosa, seleção e prefácio de Paulo Rónai – Ed. Salamandra – 1983.

### Uma Variação em torno de Guimarães Rosa

#### Festa na terra de Manuelzão

#### Uma Poética da Musicalidade na obra de Guimarães Rosa.

---

### **VISÃO CRÍTICA**

Sua leitura exige aproximação cautelosa, pois nem sempre é fácil. O próprio escritor comenta sua obra, em entrevista ao crítico Gunter W. Lorenz: *"O bom escritor é um descobridor; (...) considero a língua como meu elemento metafísico: escrevo para me aproximar de Deus, (...). Sou místico (...). Nós, sertanejos, somos tipos especulativos, a quem o simples fato de meditar causa prazer (...). Os livros nascem quando a pessoa pensa, o ato de escrever já é a técnica e a alegria do jogo com as palavras. Faço do idioma um espelho de minha personalidade (...). Escrevendo, descubro sempre um novo pedaço de infinito. (...) Meus livros são escritos em um idioma próprio, um idioma meu (...); não me submeto à tirania da gramática e dos dicionários dos outros".*

*O sertão, ainda que designe uma área vasta e indefinida no interior do Brasil, apresenta uma certa continuidade, conferida por uma das atividades econômicas ali predominantes, a pecuária extensiva. É a presença do gado que unifica o sertão, e sua importância se confirma na frequência com que aparece nos topônimos, nos objetos do cotidiano, nos ditados e máximas e nas histórias que circulam entre sua população. Essa atividade econômica, dessa forma, acaba criando um modo de vida, com suas rotinas cotidianas, seu imaginário, sua teia de relações, que pode ser melhor descrito como uma subcultura, entendida aqui como um conjunto de indivíduos que partilham comportamentos, artefatos e elementos cognitivos que caracterizam a maneira como vivem e os diferenciam de outros grupos no interior da sociedade.*

*É dessa subcultura sertaneja, povoada por tropeiros, capiaus, boiadeiros, pequenos fazendeiros que trata a obra de Guimarães Rosa. É o mundo da arraia miúda, da roça, o espaço privilegiado por ele, em que "o boi e o povo do boi" ocupam o primeiro plano e se tornam protagonistas de suas vidas e histórias. O povo em Guimarães Rosa canta, diz versos, conta histórias, dança, reza, expressa suas superstições e crenças, repete provérbios. Sua cultura é uma fala, através da qual se revela seu modo de vida. O popular flui, nasce do texto, da boca dos homens, mulheres e crianças do sertão; é fruto de sua experiência e parte de suas vidas e cotidiano. Várias de suas narrativas nasceram da convivência de Guimarães Rosa com os vaqueiros, seu mundo,*

---

*costumes e imaginário, durante a viagem do escritor acompanhando a boiada com Manuelzão. Suas notas e observações registram o que se poderia chamar de uma cultura do boi, incluindo sua nomenclatura, paisagem física, costumes e atividades, como a apartação, contagem, estouros, ajunta, etc.* (Guardados da memória: as cadernetas de campo de Guimarães Rosa, Sandra Guardini Teixeira Vasconcelos, USP)

"um escritor cuja formação foi profundamente marcada por essa experiência de mediação entre dois mundos, ou entre dois modos de vida, um rural e tradicional e outro urbano e moderno." (Os Mundos de Rosa, Sandra Guardini Teixeira Vasconcelos)

Uma das maiores homenagens feitas a qualquer escritor brasileiro foi escrita, genialmente, sem fazer-se nenhuma afirmação sequer sobre o caráter, a genialidade ou as obras de Guimarães Rosa:

#### **UM CHAMADO JOÃO**

Carlos Drummond de Andrade

22/11/1967 – Versiprosa

No poema publicado três dias após a morte de Guimarães, Drummond utiliza-se apenas de indagações, questões, dúvidas a respeito de seu homenageado. Nenhuma resposta foi dada e, ao fim, "Ficamos sem saber o que era João". Que melhor homenagem há, senão dizer que o gênio Guimarães Rosa não se enquadrava em nenhuma definição humana, que sua poética ultrapassou os limites do decifrável e descritível? Ora, bem sabemos que Drummond, na dúvida, achara a resposta para João... a resposta que não pode ser obtida.

Anos depois de sua morte, o nome do escritor e diplomata foi dado ao pico culminante da Cordilheira Curupira, de 2150 metros, que se ergue na faixa limítrofe entre o Brasil e a Venezuela. É o 15º pico mais alto do Brasil. Isso na geografia, porque na literatura...

*No dia em que completar 100 anos, publicarei um livro, meu romance mais importante: um dicionário. E este fará as vezes de minha autobiografia.*

*Cada dia é um dia. ... "Vida" é noção que a gente completa seguida assim, mas só por lei duma idéia falsa. Cada dia é um dia.*

---